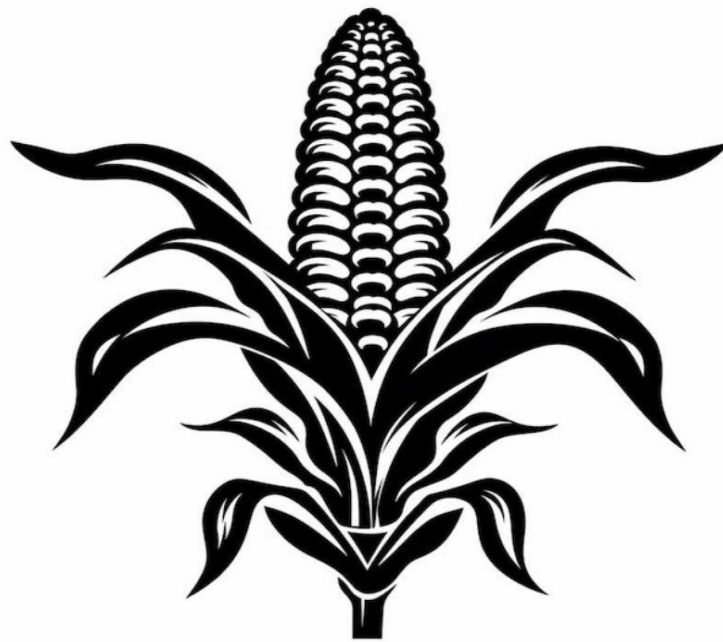


KATITO KAMWENHO



**A DESMISTIFICAÇÃO DA
CRÓNICA KAMORROTIANA**

Ensaio

KATITO KAMWENHO

**A DESMISTIFICAÇÃO DA CRÓNICA
KAMORROTIANA**

Ensaio

FICHA TÉCNICA

© **Katito Kamwenho, 2024**

Título: A Desmistificação da Crónica Kamorrotiana

Autor: Katito Kamwenho

Facebook: Katito Kamwenho

Instagram: katito_kamwenho

E-mail: bidipatricioemilio@gmail.com

WhatsApp: +244 931 291 668

Edição: Mwangolé das Letras

Design de capa: Katito Kamwenho

Arte de capa: Canva

Ilustração: Freepik

ISBN: 978-972-4601960

1ª Edição: Maio de 2024

Todos os direitos reservados. Você não pode plagiar e tampouco vender este estudo literário sem a devida permissão do autor.



Katito Kamwenho nasceu em Luena, Moxico, em 5 de Outubro de 2004. É escritor, redactor e resenhista. Passou a sua infância em Kawango e posteriormente mudou-se para Luanda, onde estudou o ensino primário e secundário. No Instituto Médio Comercial de Luanda (IMCL), está cursando o Técnico de Finanças. Sua paixão pela arte literária começou com desenhos em quadrinhos na infância. Em 2019, venceu o Concurso de Desenho do Colégio Mara e Tânia. Estreou como escritor em 2020 e em 2021 fundou o portal literário Mwangolé das Letras. Kamwenho escreve crónica e ensaio que exploram variedades de temas, incluindo questões sociais, educacionais, culturais e experiências pessoais. Possui formação em Oratória e Comunicação pela Muanda Invest, Programação Neurolinguística Básica, Recolocação Profissional e Raciocínio Lógico Básico pela Escola Educação Cursos, além de Princípios da Literatura pela WR Educacional. Em 2023, especificações a antologia de contos “A Malamba de Ngola” e o projecto literário “Diálogo em Leitura”. No ano seguinte, realizou o concurso literário “Revelação Texto Conotativo Criativo” e especificações a poesia cultural “O Carnaval Ndapunikwa”. É o organizador da exposição literária “Expo Virtual Mussoko Textual”. É autor da crónica “Af-rui-ka”. Recebeu reconhecimentos de comunidades literárias de Portugal, Brasil, Panamá e México, como o Mérito Poético da Poesia em Família (2024), a 4ª Honra ao Mérito da Web Poesia (2024), a Honra Joaquim Ganhão (2024), a Joya de Diamante Con Cinta de Oro da Poesías y Frases Bonitas (2024), o Reconhecimento da Unión Mundial de Poetas Escritores México y El Mundo (2024) e o Reconhecimento da Corporação de Literatura e Artes Brasileira Caneta Dourada (2024).

“Apenas pelas palavras o ser humano alcança a compreensão mútua. Por isso, aquele que quebra sua palavra trai a toda a sociedade humana.”

– **Michel de Montaigne**

A DESMISTIFICAÇÃO DA CRÓNICA KAMORROTIANA

O cronista Pedro Kamorroto, através da sua letra, intitulada “A Comida do Cão”, um texto curtíssimo e [in]formal, híbrido de elementos de narração, reflexão e observação pessoal sobre eventos do quotidiano, experiências, pensamentos ou questões sociais, impõe ao leitor a investigar, a estudar, a interiorizar no QI literário do autor, a fim de capturar migalhas de interpretações, lições, cognições e codificações. Entretanto, parafraseando Rubem Braga — na crónica, a vida se desvela em pequenos gestos, revelando a beleza e a complexidade do quotidiano —, é o que Kamorroto quis redigir. Mas, atenção, uma boniteza da actual realidade escrita no sentido irónico.

Inicialmente, sobre a topologia literária, classifico-a lexicalmente como uma crónica-ensaística-opinativa-humorística e, além disso, protótipo textual argumentativo que combina subgéneros tais como crítico, filosófico e sociológico, utilizando uma abordagem subjectiva e reflexiva para discutir, apelar e criticar os hábitos alimentares e suas implicações sociais e políticas. “[...] a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram” [Eagleton, 2006, C.1, QL: p.25].

A escolha deste texto se deve à sua abordagem provocativa e profunda sobre um assunto quotidiano, importando camadas de significados que podem ser exploradas tanto na perspectiva literária quanto socio-cultural. O objectivo deste estudo é analisar como o autor usa a metáfora da cegueira e do canibalismo para criticar a sociedade contemporânea e suas práticas alimentares. A hipótese central é que o texto usa o recurso estilístico da palavra alimentar para discutir a alienação humana e as consequências políticas e sociais do consumo desenfreado. *A Comida do Cão* pode ser comparada com outros textos críticos sobre alimentação e sociedade, como os de Michel Foucault sobre bio-poder e Achille Mbembe sobre necropolítica.

A análise será baseada na interpretação textual, focando nas metáforas, no estilo literário e nas referências culturais e políticas. A análise de discurso será utilizada para entender como o texto constrói suas críticas e provocações. A leitura detalhada do texto, identifica metáforas e símbolos principais, e comparações com teorias críticas contemporâneas. O estilo é denso, poético e repleto de metáforas, o que exige uma leitura atenta e interpretativa. O uso de linguagem figurativa intensifica o impacto crítico do texto. Tocando em outras letras, o texto pode ser comparado com obras que discutem a alienação e a crítica social, como “Remendos da Vida”, de Filipe Martins Barbosa de Mascarenhas, “Fome”, de Knut Hamsun, “A Política da Comida”, de Michael Pollan, “Alegoria da Minha Vida”, de Destino Ventura, “A Sociedade Mimosa”, de AC Khamba, “A Vida em Tempos de Algodão”, de Khilson Khalunga e “Verbos Rebeldes”, de Nzoji Ukulu.

Eis o texto:

A COMIDA DO CÃO

Comer é um acto puramente de cegueira.

Comer não é para quem gosta de ver. Quem come não vê. Comer às cegas é a “salvação” da humanidade. A humanidade estaria extinta se visse o que come, os processos que maquiam a cortina de aço fundido, a ultra-filtragem para banha não aparentar víperina.

A beleza empratada é a glaucoma que nos impossibilita descortinar qualquer sentido.

Primeiro viver, depois questionar o prato se restar tempo para bpm cardíaco.

Somos animalescos até comermos a última unha, a última fivela. Somos ainda mais animalescos até não existir mais o que comer.

A convenção regula, mas também (nos) lixa. O comedor é o último a saber até ser avisado:

“– Olha então a bosta que colocaram no teu prato”.

É mesmo deleitoso essa cabeça de homem?

Cuidado, seja mais pedagógico ao avisar a alguém que comer é um acto “canibal” de um abutre. É fácil decepar um homem com catana invisível. É também no comer que está todo compêndio de alguma cadeia alimentar.

Na comida está a extensão da necropolítica à Mbembe.

Olha bem para o teu prato, não vês aí uma caveira? – Também não quero que me respondas; viva intensamente a tua cegueira (alimentícia), sei que vês apenas requinte da alta cozinha no prato. O prato é visível, é lindo demais até, os processos é que não...

Imitemos então a cegueira dos cães (vadios), eles não comem por mero imperativo da biologia canina, com regulação, comem porque são cegos: comem os lixos abandonados dos cães humanos, dos humanos cães. Cães como nós!

Cães como aqueles que constroem grande muralha do Do(u)rado EL. Muralha à Alemanha Oriental ou à China imperialista.

É a lei da obesidade que esmaga sadicamente os anoréxicos impostos.

Anoréxicos por vontade própria só quando atingirmos o último estágio da solidariedade: comunismo(?).

Não existe oferta. É apenas melodrama económico. Poesia épica.

Não existe oferta, só procura “irracional” e depressiva. Desconfia se tudo estiver acessível, descodificado, bandeja aberta. Almoço grátis é gourmet. Paga-se na “saída”.

Prepara os quilates de moedas metálicas, sacuda bem os bolsos.

Tendes aqui uma sopa com toucinho de gato escaldado para dar gosto como entrada.

O prato principal é funji misturado com peito alto de cão vadio que se evadiu por conta da má gramática normativa dos homens.

Me finalizo aqui, antes que não haja uma enxurrada de alíneas pedirem obrigatoriamente reforma(de linha) ou translineação diabólica.

Translineação é uma joaninha bem chata da vida dela. Está a galgar passos para senilidade.

É uma bicha serralheira que (me) chateia, importuna os pente(ve)lhos do cérebro.

Pedro Kamorroto, *In Revista Só Crónicas & Cronistas e Jornalzinho Mwangolé das Letras*

LEITURA METÓDICA

1º Assunto:

O texto “A Comida do Cão”, de Pedro Kamorroto, é um elitismo e aborda criticamente os hábitos alimentares humanos, destacando a cegueira voluntária diante dos processos industriais de produção de alimentos e a alienação cultural e social resultante. Metaforicamente o título do texto pode referir-se à refeição de um indivíduo miserável. Em outras palavras, entende-se à comida de uma pessoa pobre, comparada com um animal doméstico.

2º Estrutura Interna:

Introdução: o acto de comer é descrito como uma forma de cegueira. [“Comer é um acto puramente de cegueira. Comer não é para quem gosta de ver. Quem come não vê.”]

Ex: “Dizem que os Estados Unidos é o país onde se come pior em todo o planeta.

É certo afirmar que foi neste país que começou a moda da comida rápida, o que em inglês chamamos “fast food”. Parece que nos Estados Unidos se come rápido e mal, porém o que mais “engorda” os americanos são as bebidas açucaradas como os refrigerantes, colocando o país na terceira posição no ranking, com a taxa de 31,8% de obesos em relação à sua população” [Receitas sem Fronteiras, 2024, TPCPM: pº.1-2].

Desenvolvimento: Detalha como os processos alimentares são ocultados do público e as implicações deles. [“A humanidade estaria extinta se visse o que come, os processos que maquiam a cortina de aço fundido, a ultra-filtragem para banha não aparentar viperina.”]

Esse trecho também faz muito reflectir sobre a obscura receita da Coca-cola. Esta mantida em segredo há mais de 130 anos, segundo um artigo lido:

Poucas receitas são tão misteriosas quanto a do xarope usado na produção da Coca-cola. Escondida há mais de 130 anos, uma suposta fórmula chegou a ser descoberta, mas, de alguma forma, a receita original permanece em segredo.

Muito mais do que uma tradição, no entanto, ficou claro que, através dos anos, a misteriosa receita da Coca-cola tornou-se uma jogada de marketing. E foi uma publicidade que deu certo, já que todos gostariam de saber os curiosos ingredientes.

Tamanho é o suspense por trás da bebida que a dita fórmula original está guardada em um cofre no museu Mundo da Coca-Cola, em Atlanta. Assim, mesmo com a química moderna, parece que a receita será mantida em segredo por décadas a fio.

Cabeça de um gênio

Tudo começou com John Pemberton, o homem que escreveu a primeira fórmula já existente para o xarope do refrigerante. Reza a lenda que o inventor da marca contou cada detalhe de sua criação para apenas quatro pessoas anônimas.

Como tais fontes nunca foram encontradas, o segredo teria morrido junto de John, em meados de 1888. Alguns anos mais tarde, em 1891, entretanto, Asa Candler comprou todos os direitos da receita suprema e ainda fundou a The Coca-Cola Company.

Renovadas as esperanças dos amantes da bebida, Asa fez questão de alterar um dos ingredientes. Dessa forma, mesmo que alguém descobrisse a fórmula de Pemberton, tal curioso não mais teria em mãos a verdadeira receita da imponente Coca-cola.

Em 1919, quando Asa entregou a empresa para Ernest Woodruff a fim de quitar uma dívida, o novo investidor colocou a famosa receita no cofre de um banco. Resolvidas as pendências, a fórmula foi transferida para o cofre que segue em exposição desde 2011.

Seguranças e segredos

Segundo o The Guardian, em 2011, a grande Coca-cola afirmou que apenas dois de seus funcionários de maior confiança possuem as chaves para o tão sonhado cofre. Nesse sentido, as duas pessoas vivem à mercê da fórmula, já que nem viajar juntas elas podem.

Segundo a empresa, caso um dos guardiões da chave venha a falecer, o funcionário restante deve passar a tradição para outra pessoa. Mas não pense que conquistar as chaves é uma tarefa tão simples assim: o sucessor tem de merecer tal honra.

Hoje, sabe-se que o mito dos guardiões das chaves de ouro não se passa de uma grande jogada de publicidade. Mesmo que, um dia, alguém consiga desvendar a verdadeira receita, a cópia do refrigerante nunca poderia ser vendida.

A receita de um milhão de dólares

Bastante emblemática desde sua criação, a fórmula da Coca-cola conta com alguns ingredientes polêmicos. Para começo de conversa, as receitas do final do século 19 contavam com folhas de coca trituradas.

Junto de uma porção de cafeína, a ínfima fração de cocaína utilizada no refrigerante fazia com que a Coca-cola fosse reconhecida como uma bebida medicinal. Em 1903, contudo, após diversas reclamações, o componente foi retirado da composição.

Atualmente, sabe-se que a famosa receita guardada à sete chaves conta com xarope de milho rico em frutose, cafeína, ácido fosfórico e o nunca identificado 7X. Além deles, alguns curiosos sugerem que a bebida ainda contém baunilha, limão e até lavanda.

Coca-cola para todos

Considerada um dos maiores refrigerantes de todo o mundo, a Coca-cola é consumida de norte a sul. Sendo assim, algumas curiosidades sobre sua história podem chegar a confundir seus maiores amantes e entusiastas.

Nas semanas antecedentes à Páscoa, por exemplo, engarrafadores que contam com um público composto por maioria judaica têm de alterar a sua fórmula. Isso porque o xarope de milho usado para adoçar a bebida é proibido por algumas tradições durante o feriado — nessa época, então, a fórmula conta com um adoçante de sacarose.

Muito mais misteriosos, no entanto, são os pacotes entregues aos produtores da bebida. Para que os ingredientes nunca sejam descobertos, as muitas fábricas ao redor do mundo recebem pacotes identificados de 1 a 9, sem quaisquer rótulos de composição.

*Em 2011, ainda que muitas pessoas tenham tentado decifrar a fórmula, o programa de rádio *This American Life* afirmou ter descoberto a receita original. O documento teria sido escrito à mão e ilustrava um artigo sobre a história da bebida, publicado em 1979. Segundo a própria Coca-Cola, todavia, a receita original permanece em segredo até hoje [Revista AH - Aventuras na História, 2020, CDDMFSC: pº.1-17].*

Kamoroto, sobre fraseologias expressamente figurativas extraídas no seu texto, enfatiza que comer é uma prática à falta de visão óbvia. É para aquele que não pretende saber da realidade. O que come sofre de visão. Comer sem procurar saber o que está a ser ingerido é o maior refúgio da humanidade. Ou, melhor dito, no fundo, a sociedade universal deixaria de existir caso descobrisse como tem sido feita a transformação da comida. Esta por vezes, feita com veneno, lixo ou droga ilícita.

“Somos animais até comermos a última unha, a última fivela. Somos ainda mais animais até não existir mais o que comer.” Nesta, Kamoroto incide que os homens têm comportamentos semelhantes aos dos animais. Aliás, acontece, porém, que há mesmo vezes que uma pessoa torna-se irracional e um animal torna-se racional. É uma estranheza entre vice-versa. E, quando um homem tem lazeira na barriga, é capaz de devorar tudo o que aparecer. Porque não é fácil viver simplesmente engolindo salivas. O ser humano precisa se alimentar e não comer só por comer.

3º Processos Estético-Estilísticos:

Uso de metáforas e comparações para ilustrar a crítica social [“A beleza empreitada é a glaucoma que nos impossibilita descortinar qualquer sentido.”]

Estilo provocativo e questionador, com frases curtas e impactantes. [“Olha então a bosta que colocaram no teu prato.”]

4º Processos de Classicismo:

Presença de reflexão filosófica sobre a condição humana e a vida social, reminiscentes das tradições clássicas de análise crítica da sociedade. Estrutura lógica e argumentativa que busca entender e explicar comportamentos humanos.

5º Caracterização:

Narrador: Observador crítico que questiona os hábitos alimentares e sociais.

Ex: “O relatório da Oxfam [...] mostrou que a desnutrição é mais prevalente no Burundi, onde 67% das pessoas estão subnutridas e 35% das crianças estão abaixo do peso” [O Globo, 2014, RASP: pº.8].

Humanos: retratados como cegos e animais, consumindo sem questionar.

Cães: usados como metáfora para os humanos que consomem cegamente. [“Imitemos então a cegueira dos cães (vadios)...”]

6º Simbologia:

Cegueira: representa a ignorância e alienação das pessoas em relação aos processos alimentares. [“Comer às cegas é a 'salvação' da humanidade.”]

Prato de comida: Símbolo da superficialidade e ocultação da verdade. [“Na comida está a extensão da necropolítica à Mbembe.”]

7º Influência de filosofia:

Necropolítica de Mbembe: explora a ideia de controle e gestão da vida e da morte através dos alimentos. [“Na comida está a extensão da necropolítica à Mbembe.”] Acrescentando, nesta, Kamorroto profere que é na comida que consta a quantidade de política de morte, ou seja, o manejo sobre a vida e a morte. E, ainda assim, faz referência de um filósofo, teórico e cientista político camaronês denominado Achille Mbembe, conhecido por seus trabalhos sobre pós-colonialismo e necropolítica.

Existencialismo: reflexão sobre a autenticidade e a condição humana.

8º Discurso:

Directo e Crítico: usa uma linguagem directa e crítica para questionar os hábitos alimentares e a sociedade de consumo. [“Cuidado, seja mais pedagógico ao avisar a alguém que comer é um acto 'canibal' de um abutre.”]

A irracionalidade do ser humano o faz exercer coisas que só ele próprio compreende a sua doentia inexplicável. É, por exemplo, na caneta-crítica de Kamorroto, onde sublinha sem vírgula uma actividade horrível, que diz o seguinte: “[...] comer é um acto ‘canibal’ de um abutre.” O trecho faz entender que é importante ter cautela ao incutir noutra comer a carne de sua própria espécie, como se fosse uma ave que se empanturna de carniças. Outrossim, há uma metáfora na crónica que chamou a minha atenção, “É fácil decepar um homem com catana invisível.” A meu ver, é possível cortar uma pessoa com catana se, por acaso, ela não perceber nada. Por outro lado, mudando de contexto, é possível separar um homem de uma mulher sem ele perceber que a causa de tudo foi o seu predilecto amigo.

Metafórico: faz uso de imagens fortes e comparações para enfatizar a alienação. [“Olha bem para o teu prato, não vês aí uma caveira?”]

A construção metafórica de uma barreira ou separação, comparando-a a famosas muralhas históricas e políticas:

Constroema: constroem uma;

Grande muralha: referência a uma barreira física ou simbólica;

Do(u)rado *El*: expressão ambígua que pode sugerir algo valioso ou idealizado [Dourado]. Um jogo de inteligência literária que remete a “El Dorado” [a lendária cidade de ouro];

Muralha à Alemanha Oriental ou à China imperialista:

Alemanha Oriental: refere-se ao Muro do Berlim, que separava a Alemanha Oriental [comunista] da Alemanha Ocidental [capitalista] durante a Guerra Fria;

China imperialista: refere-se à Grande Muralha da China, construída para proteger o império chinês de invasões.

9º Estrutura Externa:

O texto é em prosa, dividido em parágrafos curtos que facilitam a leitura e compreensão. Há uso de citações e diálogos curtos que ilustram pontos críticos. [“– Olha então a bosta que colocaram no teu prato.”]

10º Valores Morfossintácticos e Semânticos:

Morfossintácticos: emprega uma variedade de tempos verbais e estruturas sintáticas para dar dinamismo ao texto. [“Prepara os quilates de moedas metálicas, sacuda bem os bolsos.”]

Semânticos: utiliza vocabulário carregado de conotações negativas para criar um tom crítico e irónico. [“É a lei da obesidade que esmaga sadicamente os anoréxicos impostos.”]

A crónica *kamorrotiana* é:

- **Pitagórica:** que subentende a uma série de anomalias, fórmulas e cálculos;
- **Pictórica:** que subentende a uma pintura coberta de imagens, enigmas e tintas únicas;
- **Performática:** que subentende a um estilo versátil na forma do texto;
- **Prosódica:** que subentende a um aroma e a um pedaço de prosa incluídos.

FÓRMULA DA TÉCNICA CRÓNICA

$$FTC = LKK \div S = ACPK$$

Através do estudo do texto, é indispensável explicar que a **Fórmula da Técnica Crónica** é igual a **Literatura de Kamorroto** para o **Kamwenho**, a dividir por **Subjectividade**, que resulta na **Análise da Caneta de Pedro Kamorroto**.

A *kamorrotologia* é uma ciência de teor-literário-milheiro em que, na sua concepção etimológica, conecta-se aos recursos estilísticos e a linguagem peculiar. O *kamorrotismo* é uma estética que recorre a um código bem mais complexo que o código linguístico. Ela suporta ambiguidade e relata de maneira plurissignificativa. Além de configurar um universo factual, também expõe um discurso ficcional, mais especialmente por esboço criativo, poetológico e narratológico. A esferográfica *kamorrotiana* é óleo fula na percepção subjectiva, mas é óleo queimado na percepção objectiva. Porque para Eagleton 2006, “a literatura não pode ser, de facto, definida “objectivamente”. A definição de literatura fica dependente da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido.” Então a crónica *kamorrotiana* conquanto ambígua sabe a classicismo. É uma inspiração *milhorística*. Sem bajular, não é para leitores-amorfos, críticos-elogiosos e tampouco ateus-literários. É uma arte classista que exige uma pesquisa de campo a respeito da base literária e da Teoria da Literatura. Sobretudo, não só no ponto conotativo da textualidade, mas também no ponto cognitivo da reflexão expressada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Montaigne, Michel. *Frases e Pensamentos*.
- Braga, Rubem. *Citação*.
- Foucault, Michel – *Vigiar e Punir*.
- Mbembe, Achille. *Necropolítica*.
- Pollan, Michael – *The Omnivore's Dilemma*.
- Ventura, Destino – *Alegoria da Minha Vida*. Só Crônicas & Cronistas, 2024.
- Khamba, AC – *A Sociedade Mimosa*. Só Crônicas & Cronistas, 2024.
- Khalunga, Khilson – *A Vida em Tempos de Algodão*. Só Crônicas & Cronistas, 2024.
- Ukulu, Nzoji – *Verbos Rebeldes*. Só Crônicas & Cronistas, 2023.
- Mascarenhas, F.M.B – *Remendos da Vida*. 1ª Edição – 2008.
- Moreira, Vasco; Pimenta, Hilário – *Literatura*. Porto Editora, 2014.
- Pinto, José; Lopes, Maria; Nascimento, Zacarias – *Gramática do Português Moderno*. 3ª Edição Plátano Editora, 2008.
- Revista AH – Aventuras na História – *Chaves, Drogas e Dívidas: Os Mistérios da Fórmula Secreta da Coca-Cola*, 2020.
- Eagleton, Terry – *Teoria da Literatura: Uma Introdução [Literary Theory]*. 2ª Edição Martins Fontes, 2006.
- O Globo – *Ranking de Alimentação Saudável em 125 Países*, 2014.
- Receitas sem Fronteiras – *Top 10 dos Países que Comem Pior no Mundo*, 2024.